

Ao encontro de Jesus

Como em Emaús, muitas vezes gostaríamos que Jesus ficasse entre nós, para nos dar conselho, consolo e afeto. Neste texto somos estimulados a procurar esse Cristo, na Eucaristia.

JESUS CRISTO 26/04/2020

Fica connosco, já é tarde e já declina o dia [1]. *Este foi o convite premente que, na própria tarde do dia*

da ressurreição, os dois discípulos que se dirigiam para Emaús, fizeram ao Caminhante que se tinha unido

a eles, durante o trajeto. Angustiadados por pensamentos tristes, não imaginavam que aquele desconhecido

era precisamente o seu Mestre, já ressuscitado. No entanto, tinham experimentado como "ardida" o seu

coração (cf. Lc 24, 32) **enquanto Ele lhes falava, explicando as Escrituras.**

A luz da Palavra abrandava

a dureza dos seus corações abriam-se-lhes os olhos (cf. Ibid. 31). **Entre a penumbra do crepúsculo e o**

ânimo sombrio que os embargava, aquele Caminhante era um raio de luz que despertava a esperança

e lhes abria o espírito ao desejo da luz plena. "Fica connosco",

suplicaram, e Ele aceitou. Pouco depois

o rosto de Jesus desaparecia, mas o Mestre tinha ficado veladamente no "pão partido", perante o qual

se lhe tinham aberto os olhos [2].

Assim começa a carta escrita por S. João Paulo II por motivo do Ano da Eucaristia. A cena dos discípulos de

Emaús é de grande atualidade. Deus faz-se encontradiço para acompanhar o homem no caminho da vida.

Vem sempre confortá-lo e nos momentos maus devolve ao seu coração a alegria e a esperança perdidas.

Logo que atingiu o seu objetivo, o Senhor desaparece da vista dos discípulos de Emaús, mas é apenas uma

solidão aparente, para quem só vê com os olhos da carne. Na realidade ficou para todos e para sempre na

Eucaristia, de tal modo que a cena de Emaús se repete uma e outra vez nas nossas vidas, sempre que

necessitamos.

Jesus ficou na Eucaristia para dar remédio à nossa fraqueza, às nossas dúvidas, aos nossos medos, às

nossas angústias. Ficou para curar a solidão, as perplexidades, os nossos desânimos, para nos acompanhar no caminho, para nos suster na luta. Ficou sobretudo para nos ensinar a amar, para nos atrair ao seu Amor [3].

É tão fácil aproximar-se do Sacrário quando contemplamos a maravilha de um Deus que Se fez homem, que ficou conosco! Vamos ao Seu encontro para abrir o coração e para sermos confortados como os discípulos de Emaús. Então quando recorreremos ao Senhor com esta confiança, a Eucaristia começa a ser uma necessidade. Torna-se o centro e a raiz da nossa vida interior e, como consequência inseparável, a alma do nosso apostolado.

PORVENTURA NÃO ARDIA O NOSSO CORAÇÃO?

A fecundidade do apostolado depende da nossa união com Cristo.

Sozinhos, não podemos nada: **sine me**

nihil potestis fácere [4]. Cada um conhece a sua pequenez e experimenta frequentemente as próprias misérias. Além disso, algumas vezes podem surgir situações concretas em que, devido ao cansaço de um dia de trabalho intenso ou a dificuldades encontradas no labor apostólico, percamos de vista a grandeza da nossa vocação cristã e se apague em nós a chama que nos incendeia para o apostolado.

Na Eucaristia encontramos a força que nos sustenta porque o encontramos a Ele. É um encontro pessoal no qual Jesus Se dá e nos concede a sua eficácia. Sempre que recorreremos – necessitados – a rezar diante do

Sacrário, Cristo, tal como fez com os discípulos de Emaús, dá sentido à nossa vida, devolve-nos a visão

sobrenatural, conforta-nos nas dificuldades e enche-nos de ânsias apostólicas. **Omnia possum in eo qui me**

confortat [5]. Com o Senhor podemos tudo **quia tu es Deus fortitudo mea** [6]. *Neste Sacramento, fica*

patente que o sangue de Cristo redime e, ao mesmo tempo alimenta e deleita. É sangue que lava todos os

pecados (cf. Mt 26, 28) e purifica a alma (cf. Ap 7, 14), sangue que embriaga e inebria com o Espírito Santo,

e que desata as línguas para cantar e narrar as magnalia Dei (Act. 2, 11), as maravilhas de Deus [7].

A união com Cristo embriaga-nos com o Espírito Santo, enche-nos o coração – **não é verdade que o nosso**

coração ardia dentro de nós quando nos falava no caminho e nos explicava as Escrituras? [8] – e nos

impela a proclamar as grandezas do Senhor, a comunicar aos demais a nossa alegria, com o zelo do próprio

Cristo. **"Nonne cor nostrum ardens erat in nobis, dum loqueretur in via?"** – **Não é verdade que**

sentíamos abrasar-se-nos o coração quando nos falava no caminho? Se és apóstolo, estas palavras dos

discípulos de Emaús deviam sair espontaneamente dos lábios dos teus companheiros de profissão, depois

de te encontrarem a ti no caminho da vida [9].

O cristão pode receber a boa semente vivendo os numerosos atos de piedade que fazem parte da tradição da

Igreja: a Santa Missa, a oração diante do Sacrário, sempre que for possível, a visita ao Santíssimo, a

meditação frequente do hino Adoro te devote, as comunhões espirituais, a alegria de descobrir Sacrários

quando andamos pelas ruas... Tudo isso é um verdadeiro encontro com Cristo, do qual saímos renovados

para a luta interior e para o apostolado.

A união com Cristo alcança o seu vértice quando O recebemos na Sagrada Comunhão. Nesse momento

encontramo-nos com Ele da maneira mais plena, mais íntima, que nos vai fazendo cada vez mais *ipse*

Christus. Aproveitemos para falar com Ele dos nossos amigos, e pedir-Lhe que os converta. S. Josemaria

deixou-no-lo gravado: **Jesus ficou na Hóstia Santa por nós! Para permanecer ao nosso lado, para nos**

sustentar, para nos guiar. – E amor só se paga com amor. Como poderemos deixar de ir ao Sacrário,

todos os dias, ainda que por uns minutos apenas, para Lhe levar a nossa saudação e o nosso amor de

filhos e de irmãos? [10]

Esta realidade é compatível com situações em que não recebemos consolo sensível na intimidade com Deus,

ou quando passamos por um período de maior secura na vida interior. É então o momento de nos encontrarmos com o Senhor na Cruz, elemento imprescindível do apostolado. *Para nos convertermos realmente em almas de Eucaristia e almas de oração, não podemos prescindir da união habitual com a Cruz, também através da mortificação procurada ou aceite* [11].

LEVAR OS OUTROS AO ENCONTRO DA EUCARISTIA

Depois de terem reconhecido o Senhor, os discípulos de Emaús levantaram-se imediatamente (Lc 24,33) para ir comunicar o que tinham visto e ouvido. Quando se tem verdadeira experiência do Ressuscitado, alimentando-se do Seu corpo e sangue, é impossível guardar a alegria para si próprio. O encontro com Cristo, aprofundado continuamente na intimidade eucarística, suscita na Igreja e em cada um dos cristãos a urgência de evangelizar e dar testemunho [12].

Proceder assim é a reação lógica de quem descobriu um bem, neste caso o Bem, de que as pessoas queridas podem beneficiar. *Devemos conseguir "contagiar", no nosso trabalho apostólico, quantos mais melhor, para que também eles reparem e frequentem essa amizade inigualável* [13]. Fazer apostolado é pôr os homens perante Cristo, levá-los ao encontro do Mestre, como André levou Pedro, e Filipe Nataniel [14].

Para isso, temos de levar os nossos amigos *aos lugares por onde Jesus passa*, provocar o encontro no caminho para serem curados como o cego de nascença, confortados como os discípulos de Emaús, ou chamados como Mateus.

O nosso coração enche-se de alegria quando realizamos um apostolado profundo da Confissão e da Eucaristia com as pessoas que temos à nossa volta. Quando há amizade torna-se fácil falar de Deus aos nossos amigos. ***Abrem-se os nossos olhos como os de Cléofas e do seu companheiro, quando Cristo parte o pão; e, mesmo que Ele volte a desaparecer da nossa vista, também seremos capazes de empreender de novo a marcha – anoitece - para falar d'Ele aos outros; porque tanta alegria não cabe num só***

coração... [15].

PROMOVER A CULTURA DA EUCARISTIA

Para muitas pessoas, o primeiro encontro com Jesus será o nosso próprio exemplo, a nossa vida que procura a identificação com Cristo, e seremos instrumentos para os levar ao Mestre. O exemplo de uma vida cristã coerente arrasta. Por isso, não devemos ter medo de nos mostrarmos como cristãos e de atuarmos como tal no meio do mundo. Esta é uma das propostas que S. João Paulo II nos fez em numerosas ocasiões: *Os*

cristãos hão de comprometer-se mais decididamente a dar testemunho da presença de Deus no mundo. Não

tenhamos medo de falar de Deus nem de mostrar os sinais da fé, de cara bem erguida. "A cultura da

Eucaristia" promove uma cultura do diálogo, que encontra nela força e alimento. Enganam-se aqueles que

julgam que a referência pública à fé reduz a justa autonomia do Estado e das instituições civis, ou que pode

inclusive fomentar atitudes de intolerância [16]. Testemunhar

exteriormente a nossa fé é um direito como cidadãos e um dever como cristãos.

É uma conduta de acordo com a dignidade da pessoa e uma resposta à ânsia que todos os homens têm no

coração: conhecer a verdade. *"Fizeste-nos Senhor para Ti e o nosso coração está inquieto até que descanse*

em Ti [17]. Pôr os homens perante a Verdade é o maior bem que lhes podemos fazer, um bem que liberta,

que nunca é intolerante: **conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres [18].**O nosso testemunho de

almas de Eucaristia dará a luz que vai permitir a outros aproximarem-se da Luz. ***Quando, ao chegar àquela***

aldeia, Jesus faz menção de seguir para diante, os dois discípulos retêm-No e quase o forçam a ficar com

eles. Reconhecem-No depois ao partir o pão: - O Senhor, exclamam, esteve connosco! (...) Cada cristão

deve tornar Cristo presente entre os homens; deve viver de tal maneira que todos com quem contacte

sintam o bonus odor Christi, o bom odor de Cristo, deve atuar de forma que, através das ações do

discípulo, se possa descobrir o rosto do Mestre [19].

O CHAMAMENTO, FRUTO DO ENCONTRO

Ante a triste ignorância existente, mesmo entre católicos, pensemos, minhas filhas e filhos, na importância de explicar às pessoas o que é a Santa Missa e quão valiosa é, com que disposições se pode e se deve receber o Senhor na Comunhão, que necessidade temos de O ir visitar nos Sacrários, como se manifestam o valor e o sentido da urbanidade da piedade. Aí abre-se-nos um campo inesgotável e fecundíssimo para o apostolado pessoal [20].

Se a nossa vida é verdadeiramente eucarística, se todo o nosso dia gira à volta do Santo Sacrifício e do Sacrário, nos surgirá como algo natural dar doutrina às pessoas à nossa volta e levá-las ao encontro de Cristo na Eucaristia. ***Quando nos reunimos junto do altar enquanto se celebra o Santo Sacrifício da Missa, quando contemplamos a Hóstia Sagrada exposta na custódia ou a adoramos escondida no Sacrário, devemos reavivar a nossa fé, pensando nessa existência nova, que vem a nós, e comover-nos com o carinho e a ternura de Deus*** [21]. Quem se aproxima da Eucaristia, encontra-se pessoalmente com Cristo e põe-se na situação de poder ouvir o Seu chamamento, tal como o receberam os primeiros doze e muitas outras pessoas que, como narra o Evangelho, se cruzaram com Jesus no seu caminho: **vem e segue-Me.**

L. Fernández Vaciero

CITAÇÕES.

[1] Lc 24, 29.; [2] S. João Paulo II, Carta ap. Mane nobiscum Domine, 7-X-2004, n. 1.; [3] Do Prelado, Carta 6-X-2004, n. 8.; [4] Jo 15, 5.; [5] Fil 4, 10.; [6] Sl 43 [42], 2 (Vg).; [7] Do Prelado, Carta, 6-X-2004, n. 33.; [8] Lc 24, 32.; [9] S. Josemaria, Caminho, n. 917[10]; S. Josemaria, Sulco, n. 686; .[11] Do Prelado, Carta, 6-X-2004, n. 36.; [12] S. João Paulo II, Carta ap. Mane nobiscum Domine, 7-X-2004, nº. 23.; [13] Do Prelado, Carta, 6-X-2004, n. 35.[14] Cf. Jo 1, 40-45.[15] S. Josemaria, Amigos de Deus, n. 314.[16] S. João Paulo II, Carta ap. Mane nobiscum Domine, 7-X-2004, n. 26.; [17] Santo Agostinho, Confissões, 1, 1,1.;

[18] Jo 8,32.; [19] S. Josemaria, Cristo que Passa, n. 105; [20] Do Prelado, Carta, 6-X-2004, n. 35.; [21] S.

Josemaria, Cristo que Passa, n. 153.

//////////////////////////////////// x //////////////////////////////////////

NotíciasDo Opus Dei

Os sete Domingos de São José

No passado dia 31 de Janeiro começou a série dos «sete Domingos de São José», com vista à

preparação da festa do Santo Patriarca, em 19 de Março. Disponibilizam-se dois textos para ajudar

a conhecer melhor «José, o silencioso».

DO OPUS DEI

A festa de S. José expande-se, sobretudo, a partir do século XV, principalmente graças a Santa

Teresa d' Ávila. O Papa Gregório XV inscreveu-a no calendário de toda a Igreja em 1621. A partir

de 1962, S. José é nomeado na Oração Eucarística I (designada cânon romano). Um antigo

costume da Igreja encoraja os fiéis a acudir ao pai adoptivo de Jesus, de forma mais assídua ao

longo dos sete Domingos que precedem a sua festa, com vista a considerar aspectos, muitas vezes

menos conhecidos, daquele que é Padroeiro da Igreja Universal (1870) ou, também, Padroeiro dos

trabalhadores (1889).

Bento XVI: Deixemo-nos “contaminar” pelo silêncio de São José

(Domingo, 18

de Dezembro de 2005)

«O silêncio de São José não manifesta um “vazio interior” mas, pelo contrário, a plenitude da fé

que traz no coração e que guia cada um dos seus pensamentos e cada uma das suas acções»,

declarou Bento XVI.

«Deixemo-nos “contaminar” pelo silêncio de São José; temos muita necessidade dele, num mundo

muitas vezes demasiado ruidoso, que não favorece o recolhimento e a escuta da voz de Deus». O

Papa propôs aos fiéis que estabelecessem uma espécie de «diálogo espiritual com São José, para

que ele nos ajude a viver em plenitude este grande mistério da fé».

«Um silêncio, graças ao qual, José em uníssono com Maria, conserva a palavra de Deus, descoberta através das Sagradas Escrituras, confrontando-a continuamente com os acontecimentos da vida de Jesus; um silêncio tecido de oração constante, de oração de louvor ao Senhor, de adoração da Sua santa vontade e de abandono sem reservas à Sua providência». «Não é exagerado pensar que foi do seu “pai” José que Jesus aprendeu, no plano humano, esta robusta interioridade, premissa da justiça autêntica, a “justiça superior” que um dia ensinará aos seus discípulos», precisou o Papa.

João Paulo II: Introdução à exortação apostólica «Redemptoris Custos»

«No centenário da publicação da encíclica Quamquam pluries do Papa Leão XIII e na linha da veneração multissecular de São José, desejo propor à vossa meditação, queridos irmãos e irmãs, algumas reflexões sobre aquele a quem Deus “confia a guarda dos seus tesouros mais preciosos”. É com alegria que cumpro este dever pastoral para que aumente em todos a devoção para com o Padroeiro da Igreja Universal e o amor pelo Redentor que ele serviu de forma exemplar. Assim, não só todo o povo cristão recorrerá com mais fervor a São José e invocará com confiança a sua intercepção, como também terá sempre sob os seus olhos a sua maneira humilde e inteligente de servir e de “participar” na economia da salvação. Penso que uma reflexão renovada sobre a participação do Esposo de Maria no mistério divino permitirá à Igreja, em marcha para o futuro com toda a humanidade, encontrar continuamente a sua identidade no quadro do desígnio redentor, que tem o seu fundamento no mistério da Incarnação . José de Nazaré “participou”, precisamente neste mistério mais do que qualquer outra pessoa, para além de Maria, a Mãe do Verbo Incarnado. Ele participou com Ela, metido na realidade do próprio

acontecimento salvífico e foi o depositário do mesmo amor, pelo poder do qual o Pai eterno “nos predestinou para sermos Seus filhos adotivos por meio de Jesus Cristo” (Ep 1, 5)».

São Josemaria: Na oficina de José

Sem qualquer dúvida, José, graças a um trabalho bem acabado, tirava muitas pessoas de apuros. O seu trabalho profissional orientado para o serviço e para tornar agradável a vida das outras famílias da aldeia que acompanhava de um sorriso, de uma palavra amável, de um comentário feito de passagem, mas que devolve a fé e a alegria àqueles que estão quase a perdê-las. Às vezes, quando se tratava de pessoas mais pobres que ele, José fazia o trabalho cobrando algo de pouco valor, que pudesse deixar nos outros a satisfação de pensar que tinham pago. José devia pedir, normalmente, o que fosse razoável, nem mais nem menos; devia saber exigir o que, em justiça, lhe era devido, porque a fidelidade a Deus não supõe renunciar a direitos que na realidade são deveres: São José tinha que exigir o que era justo, porque era com o fruto desse trabalho que sustentava a família que Deus lhe tinha confiado. (**É Cristo que passa**, 51-52)

Bibliografia:

- Exortação Apostólica « Redemptoris Custos », João Paulo II
- Exortação Apostólica «Redemptoris Custos»

//////////////////////////////// X //////////////////////////////////

Do Prelado: texto em português

(19/03/2020): São José e a segurança do impossível

Na festa de São José, o Prelado do Opus Dei convida-nos a ter "a segurança do impossível", como tinha o santo patriarca, "homem do sorriso permanente e do encolher de ombros". Meditação pregada na Igreja Prelatícia de Santa Maria da Paz (Roma, 19 de março de 2020)

HOMILIAS19/03/2020

Meditação pregada na Igreja Prelatícia de Santa Maria da Paz (Roma, 19 de Março de 2020)

A segunda leitura da Missa de hoje fala-nos sobre esta grande solenidade de São José - que tem tanto significado para nós e para toda a Igreja - apresenta-nos, em primeiro lugar, a figura de Abraão. Este grande patriarca, que a Igreja também considerou mais tarde como nosso pai na fé.

São Paulo diz na Epístola aos Romanos que vamos ler hoje, que Abraão, "na esperança, acreditou contra toda a esperança". E ele acreditava contra toda a esperança que seria pai de muitos povos, e com essa atitude conseguiu ser justificado.

Conhecemos bem a história de Abraão: essa disponibilidade à vontade de Deus quando era uma vontade que não era muito compreensível humanamente. Ser pai de muitos povos, nas circunstâncias da idade em que se encontrava. Depois, partiu para um lugar desconhecido, confiando que Deus lhe mostraria em cada momento o que tinha de fazer. Uma grande fé.

Esta figura é-nos apresentada hoje na liturgia como um preâmbulo de São José, o grande patriarca do Novo Testamento, nosso pai e senhor, São José. Vemos também aqui a grande fé de São José.

E agora, na nossa oração, dirigimo-nos a São José e pedimos-lhe que obtenha para nós uma fé muito grande. Ele, a quem chamamos pai e senhor, pedimos-lhe que obtenha para nós uma fé incondicional, uma fé que nos leve a uma confiança completa no Senhor, uma adesão total.

Hoje, na Missa, pode optar-se entre dois evangelhos possíveis. São Mateus conta-nos como

São José enfrentou um mistério, o grande mistério da Encarnação.

Humanamente falando,

descobre-o e, como é justo, não quer denunciar Maria, quer deixá-la em segredo. Mas depois

tem um sonho. Um sonho em que lhe é transmitido o Mistério: "Porque o que nela se gerou vem do Espírito Santo". Ela dará à luz um Filho, e tu lhe darás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados". Quando José acordou, fez o que o Anjo do Senhor lhe ordenara". Certamente, é um sonho especial acompanhado por toda a graça de Deus para a sua compreensão.

Sabemos muito bem qual foi a atitude de São José diante de fenómenos extraordinários: o nascimento de Jesus, depois de ter preparado tudo com muito amor. De Nazaré têm de ir a Belém, onde não encontram lugar; mais à frente, têm que ir a correr de noite para o Egito, fugindo. Ele, que tinha ouvido do Anjo que este Menino é aquele que salvará o seu povo dos seus pecados. No entanto, não é capaz de se salvar, tem de fugir. Com grande incerteza, porque não lhe é dito: "Vai para o Egito por um tempo determinado"; mas: "Vai para lá até que eu te diga". Podem ser meses, podem ser anos, podem ser semanas... é a disponibilidade diante do que o Senhor nos pede, quando aquilo que Ele nos propõe não é claro, imprevisível, quando o futuro se torna um pouco incontrollável. Mas aí está a fé, a fé de confiar no Senhor.

E QUE CONFIEMOS NO SENHOR ATRAVÉS DOS MEIOS PELOS QUAIS QUER COMUNICAR CONNOSCO.

Em muitas ocasiões nas nossas vidas também encontraremos momentos - provavelmente não tão extraordinários - em que, de alguma forma, teremos de colocar em primeiro plano a nossa confiança no Senhor. Vamos pedir-Lhe por todos, especialmente hoje por intermédio de São José: que confiemos em Nosso Senhor. E que confiemos no Senhor através dos meios pelos quais quer comunicar connosco. São José poderia ter pensado: "[Tive] um sonho, sonhei isto, mas já me irão dizer mais claramente o que tenho de fazer".

Uma grande fé. E depois, aquele regresso do Egipto. Obedecer também pensando, assumindo a responsabilidade, tomando a iniciativa de regressar a Nazaré, em vez de ficar em Belém. Esta é a obediência da fé. Confiar, confiar no Senhor. Senhor, ajuda-nos a confiar em Ti. Confiar em tudo o que nos vem da sua providência, mesmo quando é extraordinário. Para que saibamos como obedecer. Para que, sabendo como obedecer por amor, possamos ser livres.

Uma obediência que não é parar de pensar. O Nosso Padre [S. Josemaria], referindo-se a São José, disse-nos numa homilia que, nas diversas circunstâncias da sua vida, o patriarca não renunciou a pensar, nem abandonou a sua responsabilidade. Portanto, a nossa obediência aos planos de Deus, em coisas grandes e pequenas, tem de ser baseada na liberdade e, portanto, na responsabilidade, em fazer as coisas porque queremos. Porque queremos, e assim seremos sempre livres. Quantas vezes já meditamos sobre isso, seguindo os ensinamentos do Nosso Padre. Não somos livres simplesmente pela capacidade de escolher entre uma coisa ou outra: somos livres, porque podemos amar, porque podemos sentir-nos - como o Nosso Padre também disse - livres como pássaros. Também somos livres nestas circunstâncias, nas quais estamos encerrados pelo coronavírus. Somos livres como pássaros, porque podemos amar. Podemos amar e, portanto, fazer tudo, sofrer tudo por amor; em consequência, porque queremos fazê-lo. São José é para nós também um modelo na vida diária, na monotonia da vida ordinária. O Nosso Padre também nos dizia: o que pode esperar um habitante de uma aldeia perdida como Nazaré? Só o trabalho diário, sempre com o mesmo esforço. E, no final do dia, uma casa pobre e pequena para repor as forças e começar o trabalho do dia seguinte.

É assim que é a nossa vida. Um dia de trabalho e outro, sem nenhuma novidade. E, que podemos esperar, pergunta o Nosso Padre, que poderia esperar São José? E continua: o nome de José em hebraico significa "Deus acrescentará". E Deus acrescenta dimensões inesperadas à vida santa daqueles que fazem a sua vontade. O que é importante, o que dá valor a tudo, é o divino. E esta é a nossa vida.

Nós Vos agradecemos, Senhor, e Vos pedimos através da intercessão de São José,

especialmente hoje, para que nos faça compreender a grandeza da vida corrente. Aquilo que já

meditamos tantas vezes e que precisamos de aprender de novo: a grandeza da vida corrente. E,

concretamente, a grandeza da vida de trabalho.

O DIVINO É ELE MESMO, O DIVINO É A SUA PRESENÇA, A SUA GRAÇA; O DIVINO É A EFICÁCIA SOBRENATURAL DO NOSSO TRABALHO

Porque Deus, àquela nossa vida aparentemente monótona, acrescenta como disse o Nosso

Padre- o elemento divino. E o que é o divino? O divino é Ele mesmo, o divino é a sua Presença,

a sua Graça; o divino é a eficácia sobrenatural do nosso trabalho. É fazer o nosso trabalho

divino, tornando-o uma realidade santa.

De São José conhecemos poucos pormenores da sua vida, mas podemos imaginar o seu

trabalho em Nazaré. Como é que ele trabalharia, especialmente com Jesus? Nós, Senhor,

queremos trabalhar contigo, queremos que o nosso trabalho diário, ordinário e quotidiano

tenha esse suplemento divino, que é acima de tudo a tua presença. Que possamos trabalhar

contigo, Senhor. Com palavras ou sem palavras, que seja algo habitual nos nossos dias e no

nosso trabalho, dizer-Te, Senhor: "Jesus, vamos fazer isto nós os dois". Isto tem de nos dar,

por um lado, alegria, segurança; e, por outro, a responsabilidade de que não estamos a fazer

algo nosso, sozinhos, mas que estamos a fazer algo muito de Deus, a colaborar com Jesus Cristo em tudo o que fazemos.

Fé: a fé de São José. **Esperança:** a fé que é o fundamento da esperança. Aquela esperança que, como lemos na Epístola aos Colossenses, é posta no que "está reservado para nós nos céus". E aí devemos ver também o nosso trabalho, na esperança do que "está reservado para nós nos céus". E não só agora, quando pela graça e misericórdia de Deus formos para o céu, se formos fiéis, mas já agora o que nos é reservado no céu é toda a ajuda de Deus, todo o amor de Deus, todo este olhar amoroso para o Senhor em todos os momentos. Qual é a nossa esperança? O que esperamos durante o dia? Tantas coisas. Mas que a nossa esperança esteja nos céus. Que seja fruto da fé, esperemos que seja fruto da fé. Que possamos sempre esperar, com esperança segura, pelo "divino" nas nossas vidas. E isso dar-nos-á também segurança diante daquilo que nos parece difícil na nossa própria vida espiritual, que tantas vezes - diante da consciência da vocação à santidade - pode parecer-nos impossível, diante da experiência - tantas vezes repetida - das nossas limitações e misérias. Tantas vezes, humanamente falando, diremos: "Senhor, isto é impossível; mas nós, Senhor, pedimos-Te, aqui, diante do corpo do Nosso Padre, que nos dês - como o Nosso Padre o fez - a segurança do impossível". Como São José. São José tinha a segurança do impossível. E esta certeza também nos fará imitar São José naquilo que dizia o Nosso Padre, que viu na figura de São José o homem com o sorriso permanente e o encolher de ombros. Um encolher de ombros não de indiferença, mas de quem pode dizer: "Bem, não importa [o que está a acontecer], porque seja o que for, aqui está a eficácia".

PODEMOS IMAGINAR O SEU ROSTO AMÁVEL, SIMPÁTICO, CHEIO DE UM SORRISO PERMANENTE

E o sorriso permanente. No Evangelho não vemos o sorriso de São José, mas - como o Nosso Padre fazia – podemos imaginar o seu rosto amável, simpático, cheio de um sorriso permanente que dá alegria aos outros, que dá segurança aos outros. Também te pedimos, Senhor, por intercessão de São José, que sejamos pessoas que sabem sorrir, que sabem sorrir mesmo quando há contrariedades, quando encontramos dificuldades. Sabemos bem, e teremos experimentado com alguma frequência, o que Nosso Padre nos disse: que às vezes um sorriso é a melhor mortificação. Porque às vezes é preciso esforço para sorrir, porque há dificuldades, há preocupações, há doenças. Pode ser difícil sorrir. E o sorriso então não é uma coisa fictícia. Pode e deve ser profundamente autêntico, porque é esse saber sorrir sabendo que o Senhor está a pôr o “divino” nas nossas vidas. E saber sorrir também para ajudar os outros, para dar segurança, para dar alegria. Em situações difíceis, devemos saber sorrir e, sobretudo, rezar. Ontem, o Papa Francisco, a propósito da pandemia, fez este convite: "Invoca sempre São José, sobretudo nos momentos difíceis, e confia a tua existência a este grande santo". Vamos agora também, unindo-nos à oração do Papa, pedir a São José que ponha fim a este tempo difícil para tantas pessoas em todo o mundo.

Fé, esperança e caridade. O amor. A fé que se manifesta através da caridade. Podemos imaginar o carinho de S. José pelo Menino Jesus, o carinho de S. José por Nossa Senhora. Um amor repleto de serviço, de dedicação, de responsabilidade para cuidar da Sagrada Família.

E a caridade está relacionada com a fidelidade, uma fidelidade que hoje queremos renovar com São José. Para dizer ao Senhor, uma vez mais: "Aqui estou, Senhor, para o que quiseres". Além disso, agradecendo-vos, porque estamos muito conscientes de que esta capacidade de nos entregarmos ao Senhor, esta capacidade de nos entregarmos completamente, é um grande dom que o Senhor nos dá, que o Senhor nos oferece.

Bento XVI disse uma vez que a fidelidade no tempo é o nome do amor. A renovação da nossa fidelidade tem de ser algo que surge do amor, de querer e de desejar a união com o Senhor e, conseqüentemente, de amar os outros, porque a nossa fidelidade aos planos de Deus, a fidelidade à nossa vocação cristã, à nossa vocação à Obra, é amor ao Senhor, amor aos outros, renovado no tempo.

Hoje pedimos ao Senhor pela intercessão de São José, pela fidelidade de todos, pela renovação da fidelidade de todos na Obra. Que todos tenhamos sempre uma consciência muito viva de que a fidelidade à nossa vocação é a fidelidade a Jesus Cristo. É, sim, fidelidade a um modo de vida, a uma missão, a um espírito, mas é fidelidade a Jesus Cristo, de tal maneira que nos sentimos sempre muito do Senhor.

São Paulo diz: "Se vivemos, vivemos para o Senhor, e se morremos, morremos para o Senhor; portanto, quer vivamos quer morramos, somos do Senhor" (Rm 14, 8). A nossa identidade é que "pertencemos ao Senhor".

A nossa fidelidade é reafirmar com gratidão que "pertencemos ao Senhor". E tudo isto também através da fidelidade ao espírito que recebemos do Nosso Padre: hoje é o seu santo. É lógico que hoje também nos dirijamos especialmente à sua intercessão.

Esta nossa fidelidade que queremos renovar hoje com uma vontade actual e forte é a fidelidade

ao Nosso Padre. Não vejamos o Nosso Padre - não o vemos assim - como uma figura do passado, admirável, que nos deixou alguns escritos maravilhosos. Vejamos também esta fidelidade, como disse Paulo VI a D. Álvaro, com aquele conselho: "Quando tiver de decidir alguma coisa, pense em como decidiria o fundador, e acertará". E D. Álvaro comentou que estava muito satisfeito com este conselho, porque era o que habitualmente procurava fazer. Que a nossa fidelidade tenha também esta tonalidade, que para nós é muito importante, de fidelidade ao Nosso Padre: fomentar o interesse em conhecê-lo melhor, em conhecer o seu espírito, os seus escritos, a sua vida, que nos ajudará a ser mais fiéis no dia-a-dia, no nosso trabalho, nas pequenas coisas de cada dia, no hoje e agora. E, ao mesmo tempo, ser fiel quando, em algumas circunstâncias especiais, particularmente difíceis, se apresentam a nós, como aconteceu a São José.

Fidelidade. Fidelidade no tempo é o nome do amor. E é assim: o nosso amor é amor de correspondência. E, portanto, uma grande parte, ou mais do que uma grande parte, do objecto fundamental da nossa fé é a fé no amor de Deus por nós. Para que o nosso amor, a nossa fidelidade seja correspondência: saber que somos amados pelo Senhor. Como o Nosso Padre nos disse, e como já dissemos antes, devemos reconhecer que somos olhados por Deus em todos os momentos, sempre. Que nunca estejamos sozinhos, não só porque estamos rodeados de pessoas que nos amam: é que o Senhor está sempre connosco. O Senhor está tão connosco que nós somos d'Ele: *Domini sumus*. É por isso que a fidelidade deve ser uma fidelidade cheia de alegria. E é assim. E hoje, enquanto renovamos a nossa fidelidade, queremos que ela seja também uma renovação da

alegria com que encaramos tudo o que temos nas nossas mãos, no trabalho, nas circunstâncias atuais tão peculiares por causa da epidemia. Devemos viver com alegria. Viver com alegria, com aquele sorriso permanente de São José, porque é isso que o Senhor quer. Ser fiel ao Senhor é também ser feliz. Quando não estamos contentes, não estamos a ser fiéis, porque o Senhor quer a nossa alegria: "Que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa" (Jo 15,11). É bom pensar que Deus quer que sejamos felizes, que estejamos alegres. E não apenas isso, mas Ele dá-nos todos os meios para sermos felizes. Dá-nos, acima de tudo, a sua presença, o seu amor, a sua companhia. E com esta fé, com esta esperança, com esta caridade, com esta correspondência fiel, queremos que seja uma fidelidade apostólica. Não pode ser de outra forma. A nossa identificação com Cristo conduz necessariamente a uma preocupação pelas almas, que de uma forma especial colocámos ontem nas mãos de São José. E que hoje, com palavras do Nosso Padre, dizemos a nosso Senhor, colocando São José como nosso intercessor: "Almas, almas de apóstolo, são para ti, são para a tua glória". Repitamo-lo muitas vezes hoje: "Almas, almas de apóstolo, são para ti, são para a tua glória". Percorrendo o mundo, porque o mundo inteiro é nosso - o Senhor no-lo deu em herança -, percorrendo o mundo desde a América do Norte, América do Sul, Ásia, África, Europa, Oceânia: "Almas, almas de apóstolo, são para ti, são para a tua glória". Terminamos a meditação, pedindo a São José, a Maria, nossa Mãe, e com Maria e José a Jesus, a esta trindade da terra (Jesus, Maria e José): que nos levem sempre pela mão à Trindade do Céu, a esse nosso Deus a quem pertencemos. *Domini sumus*, "somos do Senhor".

////////////////////////////////// x //////////////////////////////////

A carta de um pai, preso durante o comunismo, ao seu filho diácono

Branislav foi ordenado diácono no passado mês de novembro. A ordenação foi celebrada em plena onda de coronavírus, sem a presença de familiares. Mas o pai - um ativista católico na Checoslováquia comunista durante a década de 1980 - enviou-lhe uma carta.

TESTEMUNHOS27/01/2021

Branislav Borovský, conhecido como Brano, foi ordenado diácono no passado mês de novembro, com outros 26 fiéis do Opus Dei. Devido às restrições provocadas pela pandemia do coronavírus não pôde estar acompanhado pela família neste momento tão importante. Por isso, o pai resolveu enviar-lhe uma emotiva carta, que o filho quis tornar pública.

BRANO BOROVSKI, PAI DO NOVO DIÁCONO, FOI UM ATIVISTA CATÓLICO NA

CHECOSLOVÁQUIA COMUNISTA DURANTE A DÉCADA DE 80

Brano Borovski, pai do novo diácono, foi um ativista católico na Checoslováquia comunista durante a década de 80. Foi detido na Polónia com vários companheiros e acusado de contrabando de literatura religiosa. Os espancamentos, as torturas e o tempo de prisão fizeram-no aprofundar mais na sua fé.

Os Branislav Borovsky, pai e filho.

Meu querido filho Branislav, No dia 12 de dezembro de 2020 passaram 37 anos sobre o dia em que me prenderam na cidade polaca de Nowy Sacz. Eu era então um jovem universitário de 20 anos. Prenderam-me por

contrabando de literatura religiosa juntamente com outros dois amigos. Fazíamos contrabando da Polónia para a Checoslováquia. Eram os anos do regime comunista, em que era proibido comprar este tipo de literatura nas livrarias. A minha prisão na Polónia coincidiu com a época da lei marcial. Portanto, ameaçaram-nos, a mim e aos meus companheiros com uma pena de prisão que oscilava entre os 15 e os 20 anos.

PASSEI TRÊS MESES SOZINHO NUMA CELA DE 2 POR 3 METROS QUADRADOS, E DURANTE O DIA E A NOITE TINHA SEMPRE UMA LUZ ACESA.

Durante as buscas, os investigadores militares batiam-nos, ameaçavam e humilhavam-nos de muitas maneiras. Passei três meses sozinho numa cela de 2 por 3 metros quadrados. Durante o dia e a noite, tinha sempre uma luz acesa na cela. Não me deixavam dormir nem descansar.

Não podia falar em voz alta. Tinha de guardar sempre silêncio. A temperatura na cela às vezes era extremamente fria e noutros momentos havia um calor impossível de aguentar.

Numa ocasião, durante a noite, um soldado completamente bêbado apontou-me a sua pistola: era o guarda da prisão e queria matar-me. Queria vingar-se de mim e garantia que, por ter de me vigiar, não podia ir de férias.

Borovsky numa foto de família com a sua mulher e filhos. Aos 19 anos de idade, preso pelos comunistas, não podia ter imaginado este futuro.

Passados uns meses, deportaram-me para a maior prisão da Polónia, que ficava na cidade de

Tarnov. As humilhações e os espancamentos continuaram. Estava na cadeia com um preso psicologicamente transtornado, um lutador de profissão, que colaborava com os polícias comunistas: aos presos, atacava-nos sem razão, batia-nos e aterrorizava-nos.

Eu estava psicologicamente destroçado até ao ponto de começar a dar voltas na cabeça, pensando

se a minha vida tinha sentido. Cheguei a pensar que, se tivesse oportunidade, acabaria com a vida.

Foi como se uma corda grossa, formada por muitos fios finos, a pouco e pouco começasse a desfiar-se até que não ficou senão um último fio a segurar a minha vida.

Esse último fio era a fé

em Deus. Já tinha perdido a esperança de a minha situação mudar. E, contudo, sabia que Deus

os tinha todos em suas mãos. Embora esta realidade - que Deus estava em todos estes

acontecimentos – só a tenha entendido muitos anos depois...

Naquela altura o que sentia era um abandono muito grande, pensava que Deus se tinha

escondido nalgum lugar. Porém, uma vez mais, muitos anos depois compreendi que nesse

momento acontecia precisamente o contrário: nunca estive tão perto de Deus como então.

Quando foram presos, esta foto circulava clandestinamente pelas igrejas na Checoslováquia. Os cristãos rezavam pela libertação dos três.

EU ESTAVA PSIQUICAMENTE DESTROÇADO ATÉ AO PONTO DE COMEÇAR A DAR VOLTAS NA CABEÇA, PENSANDO SE A MINHA VIDA TINHA SENTIDO

Antes da prisão, tinha pensado seriamente sobre a possibilidade de ter vocação sacerdotal.

Mas os comunistas arrancaram a vocação do meu coração. Pensei que o sacerdócio na minha vida também tinha chegado ao fim. Porém – com a passagem dos anos – vejo-o com outros olhos.

Estava nos planos de Deus que eu vivesse a queda do regime comunista e a recuperação das

liberdades civis e religiosas. Estava nos planos de Deus que me casasse com a tua mãe e que

Deus nos abençoasse com oito filhos. Nos planos de Deus, estava também a tua vocação.

Neste sábado, 21 de novembro de 2020 vais receber o diaconado juntamente com os teus

amigos no teu caminho para o sacerdócio. Apesar de a situação da pandemia causada pelo coronavírus não nos permitir participar fisicamente juntos neste momento tão importante para ti e toda a nossa família, apercebo-me de que Deus na sua providência tem tudo firmemente em suas mãos.

APERCEBO-ME DE QUE DEUS NA SUA PROVIDÊNCIA TEM TUDO FIRMEMENTE EM SUAS MÃOS

Quero garantir-te que no dia em que vais receber a graça do diaconado todos rezamos ainda mais especialmente por ti e damos graças a Deus pela tua vocação. Termino com a minha frase preferida em Latim: *Gutta cavat lapidem non vi sed saepe cadendo* (a gota faz o buraco na rocha não pela sua força, mas pela sua constância).

Bratislava, 17 de novembro de 2020, aniversário da Revolução de Veludo.

//////////////////////////////////// x //////////////////////////////////////__